

# Crenças de uma professora de língua inglesa acerca do ensino/aprendizagem desse idioma

## Beliefs of a teacher of english language about teaching / learning that language

---

Tatiana Diello Borges \*

Vitalino Garcia Oliveira \*\*

Neuda Alves do Lago \*\*\*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é relatar os resultados obtidos em uma pesquisa realizada para a Prática como Componente Curricular do curso de Letras/Inglês da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí – GO. Neste estudo, procurou-se analisar as crenças de uma professora de inglês em serviço sobre o processo de ensino/aprendizagem desse idioma. O aparato teórico apoiou-se em estudos da área de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras que tiveram como foco de investigação a questão das crenças. A metodologia escolhida foi o estudo de caso e os seguintes instrumentos de coleta de dados foram utilizados: um questionário e observação de aulas. Os resultados sugerem a crença da participante de que a gramática não seja a parte mais importante no ensino de inglês, que o lúdico e a pronúncia devem estar sempre presentes e que é possível aprender esta língua na escola pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino/aprendizagem de inglês. Crenças. Professor.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to report the results of a research carried out to be counted as Prática como Componente Curricular (Trainingship as a Syllabus Element) of Modern Languages Course from Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – Goiás. In this study, we analyzed the beliefs of an in-service English teacher concerning the teaching/learning process of that language. As the basis for this research, we used studies regarding foreign language teaching/learning whose aim was investigating the issue of beliefs. We chose the case study as methodology and

---

\* Mestre em Lingüística Aplicada (UFMG) e graduanda em Letras (Inglês – UFG). E-mail: tatiana.diello@oi.com.br

\*\* Especialista em Língua Portuguesa (UNIVERSO) e graduando em Letras (Inglês – UFG). E-mail: vitalinogarcia@ig.com.br

\*\*\* Doutora em Lingüística Aplicada (UFG). E-mail: neudalago@hotmail.com

the following instruments to collect the data: a questionnaire and classroom observation. The results suggest the participant's belief that grammar is not the most crucial part in English teaching, that fun and pronunciation must be present and that it is possible to learn this language in public schools.

**KEYWORDS:** English language teaching/learning. Beliefs. Teacher.

## Introdução

O interesse pelo estudo das crenças em Linguística Aplicada surge num momento de mudança nesta ciência, no qual o enfoque passa a ser o processo e não mais a linguagem em si mesma, o produto (BARCELOS, 2004). No Brasil, as pesquisas iniciam-se na década de 90, com autores como Leffa (1991), Almeida Filho (1993), Gimenez (1994), Barcelos (1995), dentre outros.

As definições de crenças são quase tão numerosas quanto os pesquisadores que a elegeram como objeto de estudo (PAJARES, 1992; SILVA, 2000; COELHO, 2005). Assim, poderíamos exemplificar citando o pioneirismo de Peirce (1877/1958, p. 91) *apud* Barcelos (2004, p. 129), para quem crenças são "idéias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar", bem como conceitos mais específicos relacionados ao ensino/aprendizagem de línguas, como os de Barcelos (2001, p. 72), que entende crenças como "opiniões e idéias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas", e de Freeman e Johnson (1998), que vêem as crenças como o conhecimento dos professores sobre o ensino.

Nesse sentido, considerando que os docentes de línguas são vistos como possuidores de conhecimentos, crenças e teorias informais, que dirigem o seu fazer, as quais estão intimamente ligadas aos seus valores, à sua visão de mundo e à sua concepção de seu lugar dentro dele, investigamos algumas crenças de uma professora de língua inglesa em serviço relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem desse idioma.

Organizamos este artigo em quatro partes. Na primeira seção, apresentamos a revisão de literatura, na qual tratamos do construto crenças.

Na segunda parte, trazemos a metodologia escolhida para a realização do estudo, detalhando sua natureza, o contexto investigado, a participante, os instrumentos empregados na coleta de dados e a análise dos resultados. Na terceira seção, analisamos e discutimos os resultados obtidos. Por fim, trazemos as considerações finais do estudo.

## **Revisão da literatura**

Esta pesquisa teve como embasamento teórico o construto crenças. Segundo Barcelos (2004) e Pajares (1992), esse conceito já vem sendo tratado por diferentes áreas do conhecimento humano como medicina, antropologia, sociologia, psicologia, dentre outras. Em Lingüística Aplicada, não há uma definição única para esse conceito, e essa diversidade explica a complexidade de seu estudo (PAJARES, 1992; BARCELOS, 2000; SILVA, 2001).

As pesquisas sobre crenças a respeito do processo de ensino/aprendizagem de línguas têm demonstrado o quão relevantes são para um melhor entendimento desse processo, já que influenciam o que professores e alunos fazem, sentem e sabem em relação ao ato de se ensinar/aprender línguas (GARCIA, 1999; MATEUS *et al.*, 2002).

Blatyta (1999) realizou uma investigação longitudinal a fim de perceber o processo de mudança de sua abordagem de ensinar durante o período de quatro anos. A pesquisadora utilizou o termo “teorias do cotidiano” e “teorias implícitas” e as definiu como teorias que subjazem ao fazer do professor e orientam sua prática. Ela analisou as mudanças ocorridas em três momentos e verificou que somente a partir do terceiro, quatro anos após o início do estudo, foi possível perceber mudanças mais freqüentes em sua abordagem. A autora aponta que as teorias implícitas podem agir como barreiras para a renovação do *habitus* do professor, ou podem ser modificadas.

Félix (1999) buscou explicitar e reconhecer a origem das crenças de duas professoras de inglês da escola pública sobre quais atitudes e estratégias as professoras julgavam que o aluno deveria adotar para obter sucesso na

aprendizagem. A análise revelou a influência das experiências de aprendizagem das professoras nas atitudes que elas esperavam de seus alunos, além de apontar que as afirmações das professoras muitas vezes não eram condizentes com suas ações em sala.

Vieira-Abrahão (1999), em seu estudo, revelou a influência de valores implícitos transmitidos ao longo da carreira de cinco professoras, acompanhadas por dois anos e meio. Após esse período, a pesquisadora optou por realizar um estudo de caso das interações de uma das docentes. A análise evidenciou que a professora, embora participante de um projeto de formação continuada, ainda conduzia suas aulas orientadas por uma abordagem tradicional de ensino. A pesquisadora concluiu que a renovação de uma prática é um processo bastante complexo, que exige incorporar ao ambiente de trabalho as novas concepções de linguagem, de aprender e de ensinar.

Por fim, destacamos a pesquisa de Oliveira (2002), a qual investigou a realidade prática de professores iniciantes de língua inglesa nas escolas de ciclos. O objetivo da pesquisa era investigar 'se' e 'como' o conteúdo teórico-prático ministrado no curso de graduação estava sendo colocado em prática. Como resultado, a pesquisadora observou que as professoras utilizavam o método tradicional de ensino centrado na aprendizagem sobre a língua, embora tenham tido orientações, tanto no curso de graduação quanto no curso de formação continuada, que não condizem com o ensino centrado nos aspectos lexicais e estruturais da língua e nem em práticas de tradução. Na análise de seus dados, a pesquisadora acredita que as professoras foram levadas a isso "em decorrência das suas próprias crenças sobre ensino de LE", dentre outros fatores (OLIVEIRA, 2002, p. 29). A autora sugere uma formação que desenvolva uma atitude crítico-reflexiva do professor sobre o próprio processo de aprender a ensinar e sobre sua prática pedagógica.

Dois aspectos relacionados aos trabalhos apresentados nesta seção podem ser facilmente observados. O primeiro diz respeito ao fato de que o processo de mudança na abordagem de ensinar de professores é algo muito complexo e que demanda constante reflexão. O segundo aspecto refere-se à questão de que muitas das crenças que os docentes possuem sobre ensino de

línguas são embasadas em suas experiências enquanto alunos.

## **Metodologia**

Optamos por realizar uma *pesquisa qualitativa*, na qual utilizamos o *estudo de caso* (NUNAN, 1992; ANDRÉ, 1995), uma das várias modalidades de investigação qualitativa.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar algumas crenças de uma professora de língua inglesa sobre o processo de ensino/aprendizagem desse idioma. Os específicos foram: (1) fazer um levantamento de algumas das crenças da professora participante e (2) verificar se algumas dessas crenças foram perceptíveis nas aulas observadas.

A escola-campo em que a pesquisa foi realizada, na cidade de Jataí, no sudoeste do Estado de Goiás conta atualmente com 1.107 alunos, dos quais 231 freqüentam o turno vespertino, período em que as aulas foram observadas. Ela tem enfrentado uma situação atípica, pois, devido à reforma de sua sede, vem funcionando em prédios emprestados do *campus* de uma universidade local e numa escola de primeira fase conveniada com a Secretaria Estadual de Educação. Em função disso, a rotina de alunos e professores mudou radicalmente: aulas de 45 minutos, ao invés de 50; turmas lotadas devido ao tamanho reduzido das salas de aula; tensão e expectativa em relação ao local de funcionamento da escola no próximo semestre. É nesse contexto que as aulas da professora Lurdes (pseudônimo escolhido por nós) foram observadas, em duas turmas de 8º Ano, do turno vespertino.

A participante do estudo tem mais de quarenta anos, dos quais onze dedicados ao ensino de inglês naquela escola. Ela demonstra ter clareza de opinião em relação à importância e aos objetivos do ensino, pois, ao contrário do senso comum, segundo o qual o inglês, na escola pública, visa apenas o vestibular, para ela, ensinar essa língua é sinônimo de *preparar o aluno para se sobressair em qualquer situação*. Trata-se, portanto, de uma visão mais ampla do significado dessa disciplina.

Nas duas aulas que acompanhamos, em duas turmas de 8º Ano do Ensino Fundamental, a referida professora demonstrou grande empatia junto aos alunos, uma vez que sempre tinha uma palavra de estímulo quando um deles acertava alguma pergunta.

Em relação ao ensino/aprendizagem, Lurdes demonstrou ser uma professora comprometida e consciente. Assim, ao dar a sua definição do que é ensinar inglês, ela respondeu que *é conseguir o aprendizado de seus alunos sem sacrificá-los com regras absurdas*. Essa resposta é coerente com o que pudemos observar nas aulas, pois, em nenhum momento, a professora utilizou nomenclaturas excessivas ou regras de maneira exagerada. Dessa forma, o enfoque foi todo voltado para a prática do conteúdo (*degree of short adjectives*), partindo de exemplos extraídos da realidade dos alunos.

O respeito ao ritmo de aprendizagem dos alunos, bem como a preocupação em tornar o ensino de inglês mais prático, também pôde ser observado nas aulas assistidas, uma vez que a docente não demonstrou nenhum tipo de ansiedade em “avançar” com o conteúdo, pois respondia calmamente às dúvidas dos educandos e repetia a explicação, se necessário.

Embora tenhamos assistido a apenas duas de suas aulas, percebemos tratar-se de uma professora não só altamente comprometida com seu trabalho, mas também muito consciente de seu papel como formadora de opinião em relação aos seus alunos.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, utilizamos um questionário semi-aberto e observação de aulas.

O propósito da utilização de questionário era realizar o levantamento das crenças da professora a respeito do processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. O questionário foi dividido em cinco partes. Na primeira, com cinco questões, procuramos, basicamente, obter informações a respeito da vida profissional da participante. Na segunda, terceira e quarta seções, com quinze, oito e quatro perguntas, respectivamente, tínhamos um objetivo específico: detectar as crenças da professora em relação ao ensino de inglês. Por fim, na quinta parte, almejávamos “ouvir a voz” da docente no que se refere ao processo de ensinar esse idioma, destinando um espaço no qual poderia

escrever qualquer comentário que desejasse acerca desse processo.

Utilizamos também, nesta pesquisa, a observação de sala de aula. Foram observadas duas aulas da professora participante, acompanhadas de anotações de campo, durante o mês de junho de 2007. Os objetivos dessas observações foram: a) comparar dados do questionário com as ações; e, b) servir como outra fonte para a triangulação de dados. Cada aula era de quarenta e cinco minutos, ocorrendo duas vezes por semana. Ressaltamos que a observação dessas aulas se deu de maneira não-participante, pois tínhamos a intenção de apenas observar os fatos, sem interferir.

A análise dos dados deste estudo adotou os procedimentos da pesquisa qualitativa. Primeiramente realizamos uma leitura geral dos dados buscando encontrar categorias. Em seguida, procedemos a uma leitura detalhada, anotando nossas impressões com o objetivo de promover questionamentos e buscar conexões entre as partes. Os dados foram segmentados por temas que se configuraram em três categorias de análise, a saber: (1) Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês; (2) Crenças sobre o papel do professor e (3) Crenças sobre ensino/aprendizagem de língua inglesa na escola pública.

## **Análise e discussão dos dados**

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa realizada, respondendo aos dois objetivos desta.

Considerando nosso primeiro objetivo específico, no levantamento realizado das crenças da professora, foi possível inferir as que esta parece possuir e agrupá-las nas seguintes categorias: (1) Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês; (2) Crenças sobre o papel do professor e (3) Crenças sobre ensino/aprendizagem de língua inglesa na escola pública, das quais nos ocupamos a seguir.

### **Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês**

Pudemos perceber que *o amor pela profissão e pelo aluno* (Q, 29/06/07) e a demonstração de *compromisso* (Q, 29/06/07) frente à profissão e aos discentes parecem ser fortes crenças da participante que norteiam seu processo de ensinar língua inglesa.

Foi possível inferir também outras crenças de Lurdes como, por exemplo: (1) a parte mais importante no ensino de inglês não é a gramática; (2) o professor deve repetir as palavras em inglês e praticar muito com seus alunos; (3) o docente deve falar claro e pausadamente e ser criativo; (4) a pronúncia é extremamente relevante no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa; (5) é fundamental ensinar sobre a cultura da língua estrangeira estudada; (6) é essencial os alunos trabalharem em grupos; (7) é interessante utilizar jogos interativos; (8) é necessário o uso de recursos audiovisuais para construir um programa eficaz; (9) é possível ensinar inglês sem livro didático; (10) recursos didáticos como apostilas, textos avulsos podem facilitar o ensino de língua inglesa; (11) o ensino de uma língua estrangeira deve ser divertido e (12) os alunos iniciantes podem e devem cometer erros em inglês, o que não os prejudicará a falarem corretamente mais tarde.

Analisando algumas das crenças apontadas acima em relação às encontradas em outras pesquisas na área de crenças sobre ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, pudemos observar algumas semelhanças e diferenças.

No que se refere às crenças de Lurdes sobre gramática, pronúncia e cultura, resultados similares puderam ser verificados na dissertação de mestrado de Borges (2007). No tocante à sua crença de que seja interessante utilizar jogos interativos e que o ensino de uma língua estrangeira deve ser divertido, Coelho (2005) também nos apresenta resultados semelhantes. Foi possível perceber, ainda, que as crenças da professora participante, de que é necessário o uso de recursos audiovisuais para construir um programa eficaz e que a utilização de recursos didáticos como apostilas, textos avulsos, podem facilitar o ensino de língua inglesa, aproximam-se dos resultados encontrados na pesquisa de Miranda (2005).

Por fim, quanto à crença de Lurdes de que é possível ensinar inglês sem

livro didático, observa-se que Miranda (2005) obteve um resultado distinto ao nosso. Em seu estudo, os participantes acreditam que o livro didático seja indispensável para o ensino de inglês. Também em relação à crença da professora de que seja importante o docente de inglês falar pausadamente, Borges (2007) verificou uma crença oposta a esta. Para as participantes do trabalho da autora, é imprescindível que o professor fale em inglês em um ritmo acelerado porque “na hora de eles [os alunos] pegarem alguma coisa mais rápida eles não vão conseguir [...] porque tá acostumado com cada palavrinha separada” (BORGES, 2007, p. 66).

### **Crenças sobre o papel do professor**

No tocante às crenças de Lurdes a respeito do papel do professor, foi possível inferir que ela acredita que este profissional deve (1) transmitir o conhecimento que possui aos aprendizes, (2) auxiliar os discentes a aprenderem como aprender, (3) compartilhar conhecimentos, (4) fazer uso de vários recursos didáticos para facilitar o ensino de inglês e (5) *transmitir aos alunos o suficiente para se sobressair em qualquer situação* (Q, 29/06/07).

Considerando essas crenças apresentadas nesta seção, é possível notar que existem similaridades entre os resultados obtidos em nossa pesquisa e os detectados em outras que também se ocuparam da investigação de crenças sobre ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

No que diz respeito às crenças de Lurdes de que o bom professor é aquele que sabe transmitir o conhecimento que possui aos aprendizes e ajudar os alunos a aprenderem como aprender, duas autoras encontraram resultados semelhantes a este. Miranda (2005), em sua dissertação de mestrado, pôde verificar que para seus participantes o papel do docente é ser “o maior responsável pela aprendizagem do aluno” (MIRANDA, 2005, p. 182). Silva (2000, p. 52-53), por sua vez, percebeu que para os participantes de seu estudo, o papel do professor é “ensinar de forma centrada nos alunos”, sendo o docente o principal responsável pela aprendizagem.

Por último, quanto à crença da professora de que é papel do professor

utilizar vários recursos didáticos para facilitar o ensino de língua inglesa, Coelho (2005) também detectou uma crença similar a esta. Para uma das participantes de sua pesquisa, é papel do docente “fazer uso de vários recursos didáticos para motivar os alunos” (COELHO, 2005, p. 75).

### **Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês na escola pública**

O ensino de inglês em escolas públicas no Brasil, bem como várias crenças a ele relacionadas, tem sido alvo de estudos por pesquisadores, como Perin (2002), Souza (2002) e Gimenez, Perin e Souza (2003), dentre outros. Todos esses pesquisadores, em diferentes abordagens, são unânimes em atestar a ineficácia do ensino de língua inglesa na escola pública. Dentre os fatores responsáveis por essa lamentável situação, além da falta de estrutura da maioria das escolas públicas, no dizer de Coelho (2005, p. 32), existe ainda um certo “descompasso entre as abordagens dos professores e o que de fato os alunos gostariam de aprender, acrescido da falta de um programa global, contínuo e progressivo para o ensino de LI.”

Durante a realização deste trabalho, e mais especificamente na análise do questionário adotado, pudemos observar que a professora em questão desmistificou três das inúmeras crenças recorrentes entre os professores de inglês, relacionadas ao ensino/aprendizagem na escola pública.

Em primeiro lugar, contrariando o senso comum, a professora Lurdes afirmou, em resposta ao questionário, que não acredita ser o ensino da escola particular melhor do que o ensino da escola pública. O mesmo se aplica à idéia de que “o curso livre é o lugar para se aprender língua estrangeira”, crença detectada por Paiva (1997, p. 13). Para a professora Lurdes, o aluno de escola pública também é capaz, desde que encontre professores interessados e criativos. Embora essa opinião possa ir de encontro com as pesquisas já mencionadas, devemos entendê-la como fruto de uma visão extremamente otimista e repleta de grandes expectativas de uma professora que ama o que faz e tem consciência de seu papel.

Finalmente, na ótica dessa professora, o vestibular não é o único ou

tampouco o principal objetivo do ensino de inglês na escola pública, o que revela, por parte dela, uma visão mais global acerca do ensino de línguas.

Com base no exposto, pudemos inferir as seguintes crenças da professora Lurdes:

- O ensino de inglês na escola particular não é melhor do que o da escola pública;
- O cursinho particular não é a única fonte de aprendizado possível para o aluno de escola pública;
- O vestibular não deve ser o único objetivo do ensino de LI na escola pública.

### **Crenças perceptíveis nas aulas assistidas**

Partindo, de agora em diante, para uma tentativa de resposta ao nosso segundo objetivo específico - *verificar se algumas das crenças da docente, por nós levantadas, são perceptíveis nas aulas observadas para esta pesquisa* - apresentamos nossa análise dessas crenças.

Durante as aulas assistidas, a professora Lurdes, por meio de suas ações, permitiu-nos observar algumas de suas crenças, identificadas pela leitura e análise do questionário por ela respondido.

As duas primeiras crenças a serem analisadas referem-se à importância de o professor praticar a pronúncia de palavras em inglês e à ênfase na repetição das mesmas, para que o aluno possa melhorar progressivamente a sua pronúncia. Essas crenças estiveram muito presentes nas referidas aulas e não tivemos dificuldades em identificá-las, mesmo porque a metodologia de trabalho utilizada pela professora contribuiu bastante. É que, nessas aulas, a docente enfatizou a leitura e a repetição de alguns adjetivos para que a turma se familiarizasse com eles e conseguisse compreender o conteúdo (*degree of short adjectives*). Merece destaque, nessas aulas, a ênfase dada às homófonas *weak* e *week*, que, segundo Lurdes, têm pronúncias idênticas, apesar da pequena diferença de grafia.

Em conversa informal, no dia que se seguiu às aulas assistidas, ela

comentou que, de acordo com sua experiência, a ênfase na pronúncia 'correta' e na repetição das palavras é uma das 'ferramentas' que o professor de inglês pode utilizar para despertar nos alunos o interesse pela disciplina, pois, segundo ela, os alunos *amam falar inglês*. Esse ponto de vista de Lurdes vem de encontro com as crenças das professoras participantes do estudo de Coelho (2005). Para elas, os alunos não são capazes de falar em inglês, devendo, portanto, aprender apenas a ler e a escrever. Os alunos participantes da pesquisa daquele estudo, porém, afirmaram ter o desejo de aprender a falar nessa língua.

Além dessas, outras crenças identificadas relacionam-se com o caráter lúdico que uma aula de língua estrangeira deve ter e com o uso de jogos interativos para diversificar e facilitar a aprendizagem de inglês, confirmando aquilo que Coelho (2005, p. 105) já afirmava: "as atividades lúdicas, como ouvir música, fazer jogos e brincadeiras e passar filmes servem como meios importantes para a aprendizagem de língua inglesa". A primeira dessas crenças pôde ser percebida pelo tom leve e bem humorado que a referida professora imprimia em suas aulas, seja pelo tom de voz animado com que se dirigia aos alunos, ou pelas palavras de incentivo que pronunciava quando algum deles respondia corretamente a uma pergunta feita. A segunda crença, por sua vez, pôde ser observada quando a professora, como forma de entreter os alunos nos minutos que restavam para o final da aula, sugeriu uma brincadeira em que todos batiam palmas "*once, twice, three times* ou *four times*". Assim, os alunos ficaram de pé e, conforme a sugestão da mesma, eles batiam palmas rapidamente e de forma simultânea. Aqueles que erravam, batendo palmas mais vezes ou menos do que o combinado, ou de forma descompassada, eram obrigados então a deixar a brincadeira, que continuou até que só restasse uma pessoa, o (a) vencedor (a). Essas duas estratégias, combinadas, tornaram a aula da professora Lurdes bastante animada e prazerosa para os alunos, no nosso ponto de vista. Nesse sentido, essas crenças parecem corroborar a argumentação de Finardi (2004, p. 93), para quem "o uso freqüente da linguagem lúdica parece contribuir para uma atmosfera de aprendizagem mais incentivadora e agradável".

Toda essa dinâmica da aula, bem como a segurança apresentada pela professora ao trabalhar o conteúdo, chamou nossa atenção para outras crenças, dessa vez relacionadas ao uso do livro didático e outros recursos pedagógicos. Isso porque, segundo o questionário respondido, a professora deixou claro que não acredita ser o livro didático um recurso indispensável para o ensino de inglês. Por outro lado, ela acredita que outros recursos didáticos, como apostilas, textos avulsos, etc. podem facilitar o ensino de língua inglesa, suprimindo assim a falta do primeiro.

Nesse sentido, a crença da professora reforça o discurso de Félix (1998, p. 60), segundo a qual o ideal sobre o uso do material didático em aulas de língua estrangeira seria “que o professor fizesse uma seleção criteriosa daquele recurso que mais se adaptasse às necessidades dos alunos”. É importante ressaltarmos que a rede pública de ensino do estado de Goiás não adota livro didático de inglês para os alunos. Se por um lado isso parece ser algo negativo, por outro dá ao professor maior autonomia para organizar e selecionar melhor os conteúdos a serem trabalhados. Nas aulas em questão, a professora utilizou ainda uma folha xerocopiada com um exercício de *listening* e outros exercícios de completar, todos relacionados a ‘grau de adjetivos’. O uso desse recurso comprova que, na visão da professora, se o livro didático não é realmente necessário para um ensino eficaz de língua inglesa, atividades avulsas podem facilitar o aprendizado dessa língua.

As crenças que analisaremos a seguir dizem respeito à visão da professora Lurdes acerca de si mesma, enquanto profissional da educação, e à realidade das turmas da escola em que trabalha, muito semelhantes às demais escolas públicas do país. Assim, ainda de acordo com o questionário respondido, Lurdes demonstrou ser uma pessoa que ama aquilo que faz – o magistério. Comprova essa afirmação o fato de Lurdes ter marcado 4 numa escala que vai de 0 a 5, na qual 5 revela concordância máxima com a afirmação “Amo minha profissão”. Nesse sentido, esse resultado encontrado em nossa pesquisa vai de encontro ao de Coelho (2005, p.123), para quem “as crenças dos professores e alunos revelaram que o ensino e aprendizagem de LI nessas escolas públicas é realizado com expectativas baixas por parte dos

professores”. Além disso, a professora participante acabou por desmistificar a idéia errônea de que, em turmas com mais de 30 alunos, é impossível obter um bom rendimento escolar. Isso pôde ser comprovado, na medida em que percebemos, além de grande entusiasmo da professora em ensinar, grande receptividade por parte das turmas em ‘receber’ esse aprendizado, condição essencial para um bom rendimento escolar.

Com base no exposto nesse capítulo, a observação das aulas da professora Lurdes possibilitou-nos identificar as seguintes crenças:

1. A repetição de palavras em inglês deve ser prática corriqueira nas aulas;
2. A pronúncia é algo muito importante no ensino de língua inglesa;
3. O ensino de inglês deve ser divertido;
4. Jogos interativos contribuem para diversificar as aulas e facilitam a aprendizagem;
5. O livro didático não é condição básica para o sucesso no ensino de inglês;
6. Recursos didáticos como apostilas, textos avulsos etc., facilitam o ensino de língua inglesa, na falta do livro didático;
7. Para se obter sucesso no ensino de língua inglesa, o professor precisa, antes de mais nada, ter amor pela profissão e respeito pelos alunos;
8. É possível conseguir um bom rendimento dos alunos em turmas com mais de 30 alunos.

## **Considerações finais**

Com base nessa pesquisa, baseada na observação das aulas de uma professora, em uma escola pública estadual de Jataí – GO, e do confronto dessa observação com parte da literatura disponível na área da Lingüística Aplicada, procuramos responder a duas questões centrais:

1. Seria possível perceber e analisar algumas das crenças da professora em questão, relacionadas ao processo ensino-aprendizagem de língua inglesa?

2. Dentre as crenças percebidas, quais poderiam ser observadas nas aulas assistidas?

Assim, por meio da triangulação de dados - observados nas aulas assistidas e nas informações coletadas por meio de questionário respondido pela professora - chegamos a três categorias de análise, a saber: (1) Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês; (2) Crenças sobre o papel do professor e (3) Crenças sobre ensino/aprendizagem de língua inglesa na escola pública.

Sobre a primeira categoria - Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês - chamou-nos a atenção o elevado grau de comprometimento da referida professora com sua profissão, além de uma visão acerca do ensino/aprendizagem de línguas em consonância com o que tem sido pregado modernamente por teóricos da área, especialmente no que diz respeito ao enfoque dado à gramática na sala de aula (BORGES, 2007); à importância que se deve dar ao lúdico (COELHO, 2005) e ao uso de recursos didáticos variados (FÉLIX, 1998).

Em relação à segunda categoria - Crenças sobre o papel do professor - a professora também demonstra estar atualizada, como podemos comprovar com as seguintes crenças: o professor deve transmitir o conhecimento que possui aos aprendizes, auxiliando-os a 'aprender a aprender' (MIRANDA, 2005) e o professor deve compartilhar conhecimentos.

Finalmente, a terceira categoria - Crenças sobre ensino/aprendizagem de língua inglesa na escola pública - demonstra que, para a professora: o ensino de inglês na escola particular não é melhor do que o da escola pública; o cursinho particular não é a única fonte de aprendizado possível para o aluno de escola pública - ao contrário de crenças encontradas por Paiva (1997), segundo as quais cursos livres seriam o melhor lugar para se aprender uma língua estrangeira -; e, finalmente, o vestibular não deve ser o único objetivo do ensino de língua inglesa na escola. Nesse caso, chamou-nos muito a atenção o fato de a professora - indo de encontro ao senso comum, que vê a língua inglesa como uma disciplina elitizada - acreditar no potencial da escola pública para ministrá-lo com qualidade.

A segunda pergunta que norteou nossa pesquisa versava sobre as

crenças passíveis de serem percebidas nas aulas assistidas. Nesse caso, além das anteriormente citadas, merecem destaque a importância da pronúncia e da repetição de palavras no ensino de língua inglesa e o uso de jogos interativos como forma de diversificar as aulas, tornando-as mais atrativas.

Para finalizar, gostaríamos de destacar, mais uma vez, o grande empenho da professora participante que, em nenhum momento, recusou-se a esclarecer qualquer uma de nossas dúvidas. Mesmo sem formação específica na área, Lurdes, além de grande experiência e consciência de sua prática pedagógica, demonstrou grandes expectativas em relação a seus alunos. Além disso, sua postura ao mesmo tempo carinhosa e firme com os alunos, além da consciência de seu papel enquanto educadora, que acredita nos alunos e não mede esforços para ensinar, conquistou nosso respeito e admiração.

Esperamos que os resultados obtidos neste estudo possam, de alguma forma, contribuir para a continuidade da jornada rumo a um entendimento mais detalhado acerca das crenças sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa em nosso país.

## Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.

BARCELOS, A. M. F. *A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras*. 1995. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estudo da arte. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Lingüística Aplicada e ensino de línguas*. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BLATYTA, D. F. Mudança de habitus e teorias implícitas - uma relação dialógica no processo de educação continuada de professores. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). *O Professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes,

1999. p. 63-81.

BORGES, T. D. *Crenças de duas professoras de inglês em pré-serviço a respeito de falantes de língua inglesa e de suas respectivas culturas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

COELHO, H. S. H. *É possível aprender inglês em escolas públicas? Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

FÉLIX, A. *As Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola*. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FELIX, A. Crenças de duas professoras de uma escola pública sobre o processo de aprender língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O Professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, 1999. p. 93-110.

FINARDI, K. *Teachers' use of and beliefs on ludic language in the foreign language class*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FREEMAN, D.; JOHNSON, K. Reconceptualizing the knowledge-base of language teacher education. *TESOL Quarterly*, v. 32, n. 3, p. 397-417, 1998.

GARCIA, C. R. P. *As culturas de aprender uma língua estrangeira (inglês) em sala de aula que se propõe interdisciplinar*. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

GIMENEZ, T. *Learners becoming teachers: an exploratory study of beliefs held by prospective and practicing EFL teachers in Brazil*. 1994. Tese (Doutorado) - Lancaster University, Lancaster, 1994.

GIMENEZ, T. N.; PERIN, J. O. R.; SOUZA, M. M. Ensino de inglês em escolas públicas: o que pensam pais, alunos e profissionais da educação. *SIGNUM: Estudos Lingüísticos*, n. 6, v.1, p. 167-182, 2003.

LEFFA, V. J. A look at students' concept of language learning. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n.17, p. 57- 65, 1991.

MATEUS, E. F.; GIMENEZ, T. N.; ORTENZI, D. I. B. G.; REIS, S. A prática do ensino de inglês: desenvolvimento de competências ou legitimação das crenças? Um estudo de caso. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 2, n. 1, p. 43-59, 2002.

MIRANDA, M. M. F. *Crenças sobre o ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (inglês) no discurso de professores e alunos de escolas públicas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, E. C. Ensino de inglês nas escolas de ciclo: a realidade prática de professores iniciantes. In: IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. *Anais do IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS*. Goiânia: UFG, 2002, p. 13-33, 2002.

PAIVA, V. L. O. A identidade do professor de inglês. *APLIENGE Ensino e Pesquisa. Revista da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais*, p. 9-16, 1997.

PAJARES, F. M. Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v.62, n. 3, p. 307-332, 1992.

PERIN, J. O. R. *Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escola pública: um estudo etnográfico*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2002.

SILVA, I. M. *Percepções do que seja ser um bom professor de inglês para formandos de Letras: Um estudo de caso*. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SILVA, L. O. *Crenças sobre aprendizagem de língua estrangeira de alunos formandos de Letras: um estudo comparativo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SOUZA, M. M. *Percepções sobre o ensino de língua inglesa numa escola pública no norte do Paraná*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2002.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Tentativas de construção de uma prática renovada: a formação em serviço em questão. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O Professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, 1999. p. 29-50.